



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Departamento de Artes Cênicas



Jaine Heloísa Araújo Cerqueira

CORPOS CAPTURADOS PELA TELA:
a importância da arte e da educação somática na escola

Ouro Preto-MG

2023

**CORPOS CAPTURADOS PELA TELA:
a importância da arte e da educação somática na escola**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Artes Cênicas - **Licenciatura** do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Licenciatura em Artes Cênicas**.

Orientador: Prof. Dr. Alex Beigui de Paiva Cavalcante

Ouro Preto-MG

2023



FOLHA DE APROVAÇÃO

Jaine Heloísa Araújo Cerqueira

Corpos capturados pela tela: a importância da arte e da educação somática na escola

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas

Aprovada em de 28 de março de 2023.

Membros da banca

Prof. Dr. Alex Beigui de Paiva Cavalcante - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Ma. Circe Sampaio da Costa (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Alex Beigui de Paiva Cavalcante], orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/11/2023



Documento assinado eletronicamente por **Alex Beigui de Paiva Cavalcante, COORDENADOR(A) DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**, em 06/11/2023, às 21:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0620238** e o código CRC **BCC737B5**.

“Apenas quando somos instruídos pela realidade é que podemos mudá-la”

Bertolt Brecht.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecer à minha mãe Lia, minha primeira e grande incentivadora; a primeira pessoa a introduzir arte em minha vida, em meu corpo.

A meu pai Paulo (*in memoria*), um dos seres humanos mais incríveis que conheci nesta vida.

A meus filhos Hélder e Henrique, os maiores incentivadores das minhas audaciosas e desafiadoras aventuras desta vida, meus suportes.

À Érica, minha filha, companheira ufopiana/deartiana com quem pude contar incondicionalmente nos momentos mais desafiadores e também nos mais gloriosos desta trajetória acadêmica.

A meu irmão Gildson, maestro e também arte-educador, por ser um grande exemplo e apoiador da minha arte. ´

À Escola Municipal de Teatro Gregório de Mattos Guerra da minha cidade de Muriaé-MG, por ter me proporcionado a oportunidade de me perceber como artista e poder chegar até aqui, e também aos amigos que se eternizaram através dela. Eles(as) saberão se identificar aqui.

Ao meu orientador Alex Beigui, a quem tenho um grande carinho e admiração e que incondicionalmente me acolheu e me orientou.

Dedico este trabalho aos meus netos Aurora, Gael e Romana, as criaturas mais lindas que Deus colocou em minha vida, minha força impulsionadora.

Às minhas noras Nathália e Larissa, mulheres guerreiras, educadoras, grandes responsáveis por me proporcionar a oportunidade de ser avó. Que juntos, em família, e pelas vias da educação, possamos resistir a todas as seduções que possam nos afastar de uma vida plena, saudável e feliz.

Por fim, agradeço a todos que fazem parte do Departamento de Artes da UFOP, discentes, técnicos e docentes.

Corpos capturados pela tela: a importância da educação somática na escola

Jaine Heloísa Araújo Cerqueira

RESUMO: Este artigo partiu da experiência em sala de aula, como professora de arte, durante o período do estágio docência do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto, prática esta, vivenciada com os(as) alunos(as) do Ensino Fundamental II, da Escola D. Veloso situada no município de Ouro Preto-MG. Observando o comportamento dos(as) alunos(as) em sala de aula durante as aulas de arte, e considerando o contexto pandêmico daquele momento, foi possível estabelecer conexões entre os conceitos e constatações de Byung Chul Han acerca da sociedade do cansaço e os estudos da somática empreendidos por Ciane Fernandes. Para tanto, recorreremos a noção de “corpo capturado” como objeto de investigação e de nossa atenção durante o referido estágio.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Escola; Captura; Somática; Corpo.

Pressupostos entre o macro e o micro contexto: da sociedade à sala de aula

Este artigo surgiu de uma experiência em sala de aula com alunos entre 10 a 15 anos de idade, em nível de ensino fundamental, anos finais, cumprindo a disciplina Estágio Supervisionado: Planejamento e Regência II. A prática aconteceu em uma escola pública do município de Ouro Preto-MG, entre os meses de setembro e novembro de 2021, de modo presencial, pós pandemia e final de ano letivo, dentro de um sistema de ensino construído e criado pelo governo do Estado para o ensino remoto de aulas, chamado PET (Plano de Ensino Tutorado), o qual se estendeu por um período no modo presencial. O objetivo do PET foi servir, em um primeiro momento, de condutor de conteúdo e reparador da ausência de aulas presenciais durante o rigor do sistema de isolamento social, visando amenizar os efeitos da pandemia no ensino aprendizagem. Vale ressaltar aqui que o Plano de ensino Tutorado se estendeu ainda por um período, logo após o retorno às aulas presenciais com o uso obrigatório de máscaras.

Após esse contexto, em sala de aula, foi inevitável a observação dos corpos dos(as) adolescentes, recém-saídos de dois anos de enclausuramento provocado pela pandemia COVID-19. Deparei-me com corpos inquietos, sedentos de movimentos e atividades, corpos ativos, porém desinteressados pela arte e ainda submetidos a um formato tradicional de uma educação que precisava se adaptar a uma nova realidade. Percebi ao observar os corpos dos(as) alunos(as) uma limitação, uma total desconexão com a arte e uma apatia diante das proposições tanto do professor(a) quanto do(a) estagiário(a). Quando eu, na qualidade de educadora e artista tentava buscar estímulos direcionados ao conteúdo da arte, deparei-me mesmo nos raros momentos de “alegria” e “entusiasmo” com corpos (mecanizados), contidos, inibidos, indisponíveis e capturados.

Vale ressaltar que um dos conceitos fundamentais de nosso estudo se associa à ideia de captura. Entenda-se “captura” como forma de reflexo de uma desatenção e de uma ausência de consciência do próprio corpo em estado de presença. Talvez, devido ao longo período de distanciamento, intensificou-se o tempo e os modos de imersão no universo midiático, digital e virtual. Evidentemente, não se pode levantar apenas os aspectos negativos desse contato e facilidade com as

possibilidades do virtual, a ideia não é a de responsabilizar agentes, mas buscar entender e refletir sobre a estrutura em jogo e as consequências disso nos corpos capturados.

Nesse sentido, torna-se imprescindível os estudos de Byung-Chul Han (2015) acerca do modelo de sociedade que vivemos. O filósofo coreano cunhou nossa sociedade de “sociedade do cansaço”. Acredito que o que Han detecta na sociedade pode repercutir no macro, o que a minha experiência constatou no microuniverso da sala de aula. Nossa intenção é a partir de algumas noções e princípios de seu pensamento refletir sobre minha experiência e percepção diante do estágio supervisionado e da relação com os(as) estudantes adolescentes de 10 a 15 anos. Dentro desse contexto, algumas perguntas surgiram, a saber: 1. Como despertar esses corpos capturados para o conhecimento da arte? 2. Como resgatar esses corpos capturados por um sistema eletrônico de comunicação social? 3. Como esses corpos capturados se movimentam no dia a dia? 4. Como se expressam e com que intensidade? 5. Quais partes do corpo mais se movimentam em seus cotidianos? 6. Como convidar esses corpos à participação e partilha do sensível que a arte possibilita?

Na contramão desse espelho social que vai do macro, observado por Byung-Chul Han (2015) na sociedade e do micro da sala de aula, vivenciado por mim, constatamos que o ensino da arte se apresenta como veículo imprescindível de acesso ao sensível humano e aos sentidos que são fundamentais para o desenvolvimento de vários aspectos que envolvem a relação ensino-aprendizagem, necessitando serem constantemente estimulados para criação e para o despertar do fazer criativo, ou seja, como modo de resistência à captura. A partir dessa premissa, identificamos o corpo como elemento essencial nas diferentes formas de sentir, perceber, conhecer, fazer e reconhecer. Acredito que, como educadores em artes, podemos encontrar na educação somática uma grande aliada para uma proposta de transformação do ensino da arte em sala de aula, por ser esta uma metodologia de intervenção pedagógica que investe no movimento do corpo visando o desenvolvimento das faculdades cognitivas e afetivas.

É inegável a multiplicidade de materiais que podem estimular a entrada no universo criativo. Contudo, a repetição desses materiais ou aquilo que Ciane Fernandes (2014) denominou como “métodos paliativos”, geralmente é impeditivo

para uma relação efetiva entre prática e teoria. Em nossa experiência, constatamos a inviabilidade do trabalho artístico sem o efetivo envolvimento do/com o corpo. A partir das questões levantadas surgiram alguns incômodos que se tornaram, no decorrer da pesquisa, roteiro para o horizonte teórico e metodológico da escrita.

Entre olhos e dedos

Entendemos que o lugar da arte na escola é sempre um lugar político, dinâmico e de observação. Assim, a expressão do corpo perpassa por vários modos de pensar, fazer e sentir. Apesar de entendermos o(a) aluno(a) como um ser individual, a escola é um espaço de formação não só de um “Eu”, mas de um “nós” que age conjuntamente, sendo ao mesmo tempo um(a) ser único(a) e parte de um coletivo. A ênfase na comunicação verbal (oral e escrita) tem negligenciado, muitas vezes, outras formas de linguagem que estão diretamente ligadas à experiência e ao sentido advindo da corporeidade. Para Han:

A parcela verbal da comunicação é muito pequena. As formas não verbais de expressão como gesticulação, expressões de rosto ou linguagem corporal constituem a comunicação humana. Elas lhe concedem a sua tatilidade [*taktiplität*]. Com tátil não se quer dizer o contato corporal, mas sim a pluridimensionalidade e a multiplicidade de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos. A mídia digital furta à comunicação, a tatilidade e a corporeidade (HAN, 2018, p. 44).

No contexto do Estágio, ficou nítida a dificuldade de interação com os conteúdos programáticos, onde o espaço de sala de aula tornou-se menos interessante que o espaço do *smartphone* e mídias digitais. Consequentemente, a imersão dificulta a interação entre os corpos. Nesse sentido, o próprio aparelho torna-se uma prótese indispensável do corpo¹. Para o autor, vivemos uma liberdade aparente, quando na verdade, nossos corpos são voluntariamente e violentamente expostos nas mídias, revelando uma sociedade pautada na transparência.

É importante salientar que o pensamento de Byung-Chul Han (2018) de algum modo responde ao pensamento de Michel Foucault (2009) com relação, sobretudo, à

¹ A Organização Mundial de Saúde considera os jogos eletrônicos como doença, CID 11. Trata-se de transtorno mental, o chamado distúrbio de *gaming disorder* na expressão inglesa) – um comportamento obsessivo próprio de nosso tempo.

sociedade do controle e da vigilância. Não se pode afirmar que Han contradiz o pensamento foucaultiano, mas que o expande para uma outra dimensão. Se em Foucault, temos corpos vigiados e punidos dentro da ótica institucional, para Byung-Chul Han o que se apresenta são corpos excessivamente expostos, visíveis, transparentes. Percebe-se que ao contrário de uma exposição forçada, imposta o que temos é uma exposição desejada e voluntária.

O excesso de informação digital concorre diretamente com o processo educacional institucional científico e com a criatividade, causando uma espécie de “ruído” que compromete a concentração e o interesse por tudo aquilo que pode gerar mais intensidade, esforço de raciocínio e participação efetiva-reflexiva-crítica diante da realidade. A partir desses fatores, percebemos o contraste entre uma aceleração provocada pela mídia na difusão das informações, sejam elas verificáveis ou não, de qualidade ou não, e o espaço da sala de aula, carente de uma atenção corporificada, experimentada intensamente e lentamente, ou seja, não descartável e não mecanizada. Cabe aqui uma direta analogia à conhecida expressão cunhada por Paulo Freire “educação bancária” versus “educação libertadora”².

Para os(as) alunos(as) a escola e seus diferentes ambientes se torna um espaço pouco interessante frente ao espaço virtual. Pode-se comparar esse distanciamento do real, do vivido, do experimentado e do participativo entre os corpos com uma certa apatia, anestesia frente às próprias emoções. O corpo, aqui, torna-se um espelho da imagem. Ainda para Han: “Por causa da eficiência e da comodidade da comunicação digital, evitamos crescentemente o contato com o real e sua infinita diversidade. A mídia digital leva o contraposto [*Gegenüber*] real cada vez mais ao desaparecimento. Ela o registra como resistência³. Desse modo, a comunicação digital se torna cada vez mais sem corpo e sem rosto” (HAN, 2019, p. 44). Dessa maneira, trata-se de uma concorrência desleal entre *modus operandi* distintos. De um lado, o mundo virtual e imersivo em seus infinitos modos de sedução e de respostas prazerosas rápidas, que provocam uma ilusão de validação social; do outro, o convite ao entendimento e compreensão crítica da realidade, sempre vivenciada no dia a dia e nas experiências sociais educacionais e reais na escola. As redes sociais nos colocam a mercê da experiência do outro e de nós mesmos, anulando-nos da nossa própria experiência. Contemplamos o conteúdo digital que nos provoca um encantamento, tal qual o canto da sereia irresistível e igualmente mortífero.

A imagem idealizada de corpo mostrada nas mídias também é uma grande responsável pela inibição do(a) aluno(a) na sala de aula. O corpo já não é mais um ser que

² O termo “bancário” se refere nesse sentido ao ato de depositar materiais (no caso, o conhecimento) em recipientes. Segundo Paulo Freire, a educação bancária é “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.

³ *Gegenüber* que significa literalmente “atravessar”. Em outras palavras, vive-se no real mas não é por ele atravessado.

carrega uma identidade, mas um objeto de desejo, um corpo escravizado por uma realidade sonhada, mas não vivida. Dessa forma, a arte também é colocada como algo distante e separado do ser, como se até mesmo a apreciação de uma determinada obra de arte não dependesse da sensibilidade desse corpo. Podemos perceber esse movimento também na apologia e busca do corpo “perfeito”; o corpo plástico vendido nas redes sociais e desejado pelos corpos reais.

Os corpos capturados resistem a um estado de presença mais intenso, na linguagem teatral poderíamos afirmar que não estão em estado de prontidão; não estão efetivamente em cena. Estão em uma espécie de modo *off* ou para utilizar uma expressão cara ao mundo virtual: “estão na nuvem”. A perda do interesse impacta diretamente a atuação do(a) professor(a) de arte no sentido de conciliar essa falta de presença com o conteúdo programático, geralmente baseado em materiais didáticos centrados no conceito de objetos artísticos não só distantes de suas respectivas realidades como também desprovidos de corporeidades. Vale ressaltar que nas ementas dos materiais escolares por nós analisados constam atividades relacionadas ao corpo, contudo elas na maioria das vezes, pela inadequação do próprio espaço escolar não são vivenciadas no coletivo. Aqui, ainda esbarramos com a problemática pedagógica que obedece ainda a um sistema de poder disciplinar sobre os corpos.

A somática como restituição do ser

A ideia de um corpo capturado entra em choque diretamente com a ideia de *soma*, uma vez que seus princípios se articulam diretamente com a ideia de movimento e adaptabilidade constantes. Essa consciência da integração corpo-ambiente permite uma ruptura com os espaços fixos e engessados das instituições escolares, além de causar uma resistência ao uso nocivo e excessivo do virtual. Pode-se afirmar o campo da somática como alternativa possível de reingresso no real vivido e no que Ciane Fernandes (2014) cunhou como “possibilidades de realidades sensíveis”. É interessante perceber que na sociedade contemporânea, observada por Byung-Chul Han, falta exatamente o espaço de contemplação, o que podemos contrapor à perspectiva somática, ou seja, a de ruptura com a velocidade, o excesso de estímulos, a simultaneidade superficial de informações que afetam diretamente nossa capacidade de sentir, de fazer e de pensar.

O corpo capturado é consequência desse excesso visual e escassez de toque e de

interação entre os corpos. Sobre isso, ressalta a autora: “Neste sentido a educação somática vem cada vez mais sendo reconhecida internacionalmente como um campo epistemológico relevante e inovador de pesquisa em artes cênicas” (FERNANDES, 2014, p.03). Foi possível observar, durante o estágio supervisionado, o desconhecimento do campo da somática como dispositivo pedagógico de interação e prática. Diante de nosso campo de pesquisa, pudemos verificar também a intrínseca relação entre o ensino de arte na escola e a somática, principalmente no que diz respeito à atuação do(a) professor(a) de arte na sala de aula.

Para se ter um efetivo avanço nos modos de integração entre conteúdo programado e conteúdo corporificado, faz-se necessário compreender que o movimento criativo se apresenta como reconhecimento dos diferentes modos de sentir, isto é, das sensações internas, dos níveis rítmicos, muitas vezes, só apreendidos no silêncio e na quebra/pausa com o mundo externo. Trata-se de exercitar a concentração do corpo frente aos ruídos e estímulos que impedem à contemplação. Ciane Fernandes (2014), em sua pesquisa somático performativa, nos apresenta diversos recursos que podem ser usados como processo investigativo do próprio corpo em sala de aula. Em verdade, o ensino de arte deve ter o mesmo compromisso e peso do apontado por Byung-Chul Han em relação à filosofia. Para ele, a filosofia exerce uma transgressão, espécie de desautomatização do tempo. Na perspectiva da somática, teríamos uma desautomatização dos corpos. Em outras palavras, enquanto o foco do filósofo coreano é o nosso tempo, o da artista-pesquisadora brasileira é o dos corpos nesse tempo, suas conexões e trocas de informações com o ambiente, o dentro e o fora diretamente conectados.

Se arte é mediação, é justamente a arte contemporânea que nos reconecta com o real - não apenas numa estética do choque (Féral, 2012) que reconstrói a violência cotidiana, mas precisamente como uma transgressão a ela, re-criando novas possibilidades de realidades sensíveis. Se o mundo contemporâneo tornou-se um império do simulacro, do aumento crescente, descontrolado e avassalador de informações em velocidade atordoante em meios múltiplos e diversificados (Santaella, 2012), é justamente a arte enquanto pesquisa que instaura um campo sensorial de experiência e liberdade identitária num Retorno ao Real (Foster, 1996) imprevisível e fundamental (FERNANDES, 2014, p. 03).

Embora a ênfase dos(as) autores(as) referendados por Ciane Fernandes

(2014) refira-se ao campo da pesquisa, pode-se expandir o campo para a relação ensino-aprendizagem. O corpo deste tempo que vivemos se desobriga de qualquer participação ou interação social, caiu na comodidade da relação virtual, sem o impacto do olhar, do sentir, do se frustrar, do chorar na frente do outro, do discutir questões olho no olho, do consolo, do afago, do sentir a dor do outro e até mesmo do se envergonhar frente ao outro. As redes sociais oferecem um banquete de máscaras, através das quais podemos assumir sentimentos e personalidades de acordo com o impacto da imagem simulada.

A sociedade do cansaço, definida por Han, como já assinalamos, está formando seres suscetíveis e vulneráveis diante do excesso de informações. Vagamos de um lado a outro diariamente sem estabelecer um lugar real no tempo e no espaço. É como se o mundo virtual e digital fosse a cruzeta que comanda o boneco e nós fôssemos o boneco desta marionete.

O foco de nossa observação no estágio supervisionado na Escola Estadual D. Veloso liga-se diretamente à concepção separatista e binária entre teoria e prática, corpo e mente enquanto visões determinadas e fixas, excluindo muitas vezes o ambiente/contexto em que as relações e a própria experiência acontecem. É importante frisar que tanto o corpo quanto o ambiente estão em permanente troca de informações, mudando constantemente suas dinâmicas de apreensão das múltiplas realidades. É a partir da forma como a realidade se apresenta a cada grupo e a cada pessoa que somos impactados, alterados e, em última instância, movidos a criar.

Uma das grandes dificuldades é o trabalho que envolve a consciência do dentro e do fora, do espaço interno e externo por meio dos quais os corpos dos(as) alunos(as) entram ou não em sintonia com as atividades propostas pelo(a) educador(a). Um ponto que observei é a disponibilidade do(a) professor(a) em sala de aula, de interagir e de se movimentar, o que faz toda diferença. A abordagem somática, no que até aqui estudamos, pode ser um divisor de águas nessa parede invisível, intensificada ainda mais pelo uso da máscara obrigatória pós-pandemia.

Antes de falar de aplicação de conteúdo, faz-se necessário absorver o campo relacional onde se localizam os corpos. Só assim, podemos perceber os ritmos que envolvem os diversos modos de autonomia e de resistência frente aquilo que se visa propor. Ciane aponta que para Hanna: “Todo processo somático acontece em

padrões rítmicos, cíclicos de movimento interno alternante... . O soma tende à autonomia e independência de seu ambiente enquanto tende a desejar e depender dele tanto social quanto fisicamente” (Fernandes *apud* Hanna, 2020, pp. 74-75). o que revela a estreita ligação entre corpos e seus propositivos contextos.

É importante também evidenciar a visão pedagógica no contexto escolar como parte integrante de qualquer projeto de integração corpo-ambiente. A escola é formada não só por professores(as) e alunos(as), mas por uma visão educacional que se estende à especialidade educacional. O contato com a responsável pedagógica da Escola Dom. Veloso foi fundamental para ampliar o horizonte da nossa pesquisa. Nesse sentido, Renata Bosco, a ser questionada sobre o que verificava em relação à disponibilidade dos corpos dos(as) alunos(as) na experiência real do contexto escolar revela-nos:

Corpos não-disponíveis para o ambiente escolar. Estão em sala de aula porém presentes no celular, ligados nas mídias sociais e basicamente com um único interesse. Não utilizam o celular para buscar informações, mas como uma afirmação do eu. Com relação ao ensino de arte, eles vêm a arte como algo distante da realidade deles. Muito distante! Como se a arte não fosse para eles. Como te disse, os corpos têm necessidade de afirmação e usam as mídias sociais para isso (BOSCO, 2023).⁴

É importante ampliar o leque da discussão a fim de não responsabilizar os agentes educacionais. Trata-se, antes, de compreender a esfera produtivista de nosso tempo e como ela afeta as relações simbólicas e relacionais do ensino-aprendizagem. Discutir o corpo traz implicações não apenas anatômicas e cognitivas, mas sociais e simbólicas. Acreditamos que os estudos da somática vêm acrescentando importantes agenciamentos para a compreensão da vida escolar, assim como para a resistência à captura dos corpos. “Disciplina” e “desempenho” não podem ser a base do conhecimento e nem da experiência em sala de aula. À busca de presença dos corpos ou através deles deve ser sempre um horizonte a ser alcançado em múltiplas dimensões. Para Han:

Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema

⁴ Entrevista realizada com a pedagoga da Escola Estadual Dom Veloso.

positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar (HAN, 2015, p.15).

A arte na escola visa provocar o corpo a mover-se em permanente relação com o espaço. Entenda-se o espaço como reconhecimento da própria percepção e do outro como agente de transformação. Nesse sentido, o(a) arte-educador(a) provoca uma imersão, através de movimentos e ações catalisadoras de significação, buscando um sentido com o corpo e através dele permite trabalhar diversos níveis de consciência, desautomatizando e criando novos hábitos e comportamentos. É importante ressaltar que no caso do planejamento curricular imposto pelo Estado não verificamos espaço para perspectivas mais alternativas. Sobre isso revela Renata Bosco:

Com relação às dinâmicas, não mudou muita coisa. O Estado manda o planejamento pronto para ser seguido, portanto, o professor de arte não tem muitas alternativas para aplicação de possíveis dinâmicas. Foram proporcionados poucos recursos também, nós retornamos com giz e quadro apenas. Vale ressaltar, que no Plano de Ensino Tutorado, as atividades de arte eram bem teóricas, considerando que o PET foi elaborado para se estudar em casa, aulas práticas eram inviáveis (BOSCO, 2023).

Ainda que se refira ao retorno pós-pandemia, a realidade descrita pela profissional da educação pode ser percebida no contexto normal da escola. Durante o período do Estágio Supervisionado foi possível refletir sobre o papel fundante da arte e do corpo dentro da dimensão do ensino-aprendizagem. A partir dos estudos da somática, foi possível não apenas pensar o diagnóstico do problema, mas apontar perspectivas que visam diminuir o impacto e influência da tela na inércia dos corpos. Objetivando um campo mais expandido da questão escolar, é possível a partir da somática compreender as razões de uma formação fragmentada e distante da realidade, vislumbrando possíveis ações no sentido de presentificar o corpo na experiência do vivido. Para Ciane Fernandes:

Cada vez mais, a somática vem tornando-se uma referência contemporânea de relevância e consistência reconhecidas. A partir de práticas somáticas específicas e suas aplicações terapêuticas, educativas e criativas, a somática expandiu para abordagens, estudos e pesquisas em campos variados. Nomeada há menos de meio século, a somática vem justamente resolver a fragmentação entre diferentes formas e áreas do saber, entre prática e teoria, educação e contexto, estética e cura, técnica, criação e performance, experiência e reflexão, e assim por diante, permitindo um campo conectivo entre micro e macropolíticas em diferentes níveis. (FERNANDES, 2015, p. 10).

Considerando a obrigatoriedade da aplicação do Programa de Ensino Tutorado - PET, poucas oportunidades tivemos em desenvolver um trabalho no sentido de despertar esses corpos para o mundo real e para estabelecer uma conexão com a arte, algo para eles muito distante da realidade que se encontravam naquele momento. Não foi possível introduzir conteúdos relacionados corpo-ambiente, o que pudemos refletir foi sobre a forma de estabelecer uma proximidade entre os alunos e a arte dentro de uma proposta mais unificada às vivências cotidianas.

Considerações finais

Partindo do pressuposto por Byung-Chul Han sobre a “Sociedade do Cansaço”, onde corpos são capturados voluntariamente pelo excesso de informação devido ao uso exagerado do aparelho smartphone, podemos estabelecer uma conexão com a minha percepção em sala de aula no estágio supervisionado onde me deparei com alunos desatentos, corpos ausentes, apáticos às propostas do professor, e principalmente, desinteressados pelo ensino da arte, como se arte fosse algo distante da realidade deles. Constatou-se, ainda, pós-pandemia, que o espaço da sala de aula se tornou menos interessante que o espaço virtual. Nesse sentido, propomos aqui uma análise da diferença entre o estar de corpo presente e o estado de presença integral, com disponibilidade total para a vivência do conteúdo corporificado.

Refletindo esse contexto pós pandêmico, torna-se mais complexo o trabalho artístico em sala de aula sem o envolvimento do corpo. Neste sentido, podemos encontrar na educação somática uma aliada para o ensino de artes na escola, pois a ideia de “corpo capturado” entra em choque diretamente com a ideia de *soma*, que se articula diretamente com a ideia de movimento e adaptabilidade. Surge nesta perspectiva, uma grande possibilidade de readaptação desses corpos ao ambiente escolar, possibilitando uma interação maior com o real. Nas pesquisas somático-performativas, desenvolvidas, por Ciane Fernandes encontramos uma gama de recursos que podem ser usados como processo investigativo do próprio corpo em sala de aula.

Considerando que o movimento criativo se apresenta como reconhecimento

dos diferentes modos de sentir, que tanto o corpo quanto o ambiente estão em permanente troca de informações, mudando constantemente suas dinâmicas de apreensão das múltiplas realidades, esse artigo visa contribuir com a discussão sobre o papel fundamental do corpo no ensino da arte na escola. Concluímos que a abordagem somática pode contribuir como uma diluidora desta parede invisível, intensificada pelo isolamento que vivemos durante a pandemia do COVID-19, restabelecendo um contato ao real e sensível. Este trabalho propõe também uma reflexão sobre propostas pedagógicas para o conteúdo de arte na escola no ensino regular, considerando a necessidade imprescindível de se começar a trabalhar o corpo com fenômeno de transformação através da arte.

Referências

FERNANDES, Ciane. A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa. Salvador. 2014. Disponível em: <http://portalabrace.org/viiicongresso/resumos/mesas/A%20Pr%20E%20tica%20como%20Pesquisa%20e%20a%20Abordagem%20Som%20E%20tico-Performativa.pdf>. Acesso em: 02/02/2023.

FERNADES, Ciane. A Arte do Movimento como Pesquisa Somático-Performativa: Pulsões e Territórios do Laboratório de Performance do PPGAC/UFBA Revista Cena, Porto Alegre, nº 32, p. 73-82 set./dez. 2020 Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cena>. Acesso em: 02/02/2023.

FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa, ARJ | Brasil | Vol. 1/2 | p. 76-95 | Jul./Dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262>. Acesso em: 02/03/2023.

FERNANDES, Ciane. Quando o Todo é mais que a *Soma* das Partes: somática como campo epistemológico contemporâneo, Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/47585>. Acesso em: 10/03/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1987.

FUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: . Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis - RJ: Vozes, 1987.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectiva do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul, **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. – Petrópolis,

RJ : Vozes, 2015.